

O legado olímpico

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Com o fim dos Jogos, as instalações do Parque Olímpico da Barra passarão a ser utilizadas por escolas e praticantes de esportes de alto rendimento. A atual geração, e talvez as seguintes, não terá o privilégio de ver o Brasil abrigar megaeventos esportivos como os dos últimos nove anos. Para a população e seus herdeiros, porém, perdurará o chamado legado olímpico. O governo federal apresentou, no início de agosto, a Rede Nacional de Treinamento, integrada por instalações do Parque Olímpico da Barra e do Complexo Esportivo de Deodoro. Instalações erguidas no parque vão ser usadas por escolas e esportes de alto rendimento. A Arena do Futuro será desmontada e transformada em quatro escolas municipais. O Parque Aquático, desmembrável, viajará para diferentes cidades brasileiras. A iniciativa privada também fará parte do pós-Olimpíada. Será concedida a ela a Arena Rio, onde foram disputadas provas de ginásticas artística, rítmica e de trampolim. O Complexo de Deodoro terá instalações administradas por Exército e prefeitura. “Os Jogos Olímpicos duram 16 dias, e os Paralímpicos, 11, mas o fundamental é que esses equipamentos fiquem para o Rio e para as futuras gerações”, discursou o ministro do Esporte, Leonardo Picciani, em entrevista no início de agosto. No pós-Copa, apostou-se na venda de naming rights de arenas. Algumas conseguiram fechar negócio, como as de Salvador e Recife. Foram poucas, porém. “No Brasil, existe um medo dos investidores de que as arenas sejam rebatizadas pelas emissoras de TV, o que pode não dar retorno. Então, como você quer que tenha investimento?”, questiona Robert Alvarez, professor de marketing esportivo na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Benéficos De forma geral, especialistas apontam os Jogos Olímpicos como mais benéficos ao país e ao Rio. Principalmente porque os estádios construídos e reformados para o Mundial de futebol, apesar de todos os alertas, acabaram confirmando o status de elefantes brancos. “A Olimpíada é diferente. Você não precisa de muitas sedes, concentra-se tudo em uma cidade só. E ela (Rio) conseguiu fazer uma reestruturação da zona portuária, do VLT, do metrô. Eu acredito que haverá um retorno social muito bom”, avalia Mauro Johashi, sócio-diretor da divisão de consultoria de gestão da BDO Brasil. Os indicadores sociais realmente deram sinais positivos desde o anúncio da capital fluminense como cidade-sede da Olimpíada, conforme concluiu estudo da Fundação Getulio Vargas. “O Rio vem caindo em indicadores medidos pelos censos de 1970 até 2010. A gente fez uma pesquisa com 10 variáveis, e, antes da Olimpíada, o Rio tinha retrocesso nos 10. Depois dos Jogos, o município passou a avançar em oito”, frisa **Marcelo Cortês Neri**, professor de economia da FGV Social. Os patrocinadores Infraero » O patrocínio ao judô para cegos, no valor de R\$ 500 mil anuais, foi renovado para 2017. O contrato com o judô olímpico termina em novembro, e a extensão está em discussão. Caixa » Entre 2013 e 2016, o banco somou R\$ 273,2 milhões em patrocínios às confederações de Atletismo (R\$ 90 milhões), Ginástica (R\$ 35 mi), Lutas Associadas (R\$ 11,2 mi), Ciclismo (R\$ 17 mi) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (R\$ 120 mi). A Caixa, porém, não respondeu sobre a renovação desses vínculos. Banco do Brasil » O banco investe no vôlei (de quadra e praia) com R\$ 276,4 milhões. O contrato com a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) vence em abril de 2017, e a renovação está em negociação. O handebol também recebe recursos do BB, via Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). O vínculo foi renovado (2016-2018), e o valor passou de R\$ 14,6 milhões para R\$ 15,5 milhões.



Com o fim dos Jogos, as instalações do Parque Olímpico da Barra passarão a ser utilizadas por escolas e praticantes de esportes de alto rendimento